

# Exílio de D. Afonso VI na Fortaleza de São João Baptista

1

**D. Afonso VI nasceu em Lisboa, a 12 de agosto de 1643 e morreu em Sintra, a 12 de setembro de 1683.**

O rei D. João IV morre a 6 de novembro de 1656 deixando como regente e tutora do filho menor de 13 anos, D. Afonso, a rainha D. Luísa de Gusmão. Dez anos passados, é ainda como regente que a rainha morre, em fevereiro de 1666, e só então Afonso VI assume a governação do reino.



Infante D. Afonso e um pajem negro (c.1653) por Avelar Rebelo.



D. Maria Francisca c. 1666.

A guerra com Espanha continuava a consumir dinheiro, gentes e preocupações já que a sucessão do reino ainda não estava assegurada. Para ultrapassar o conflito, D. Afonso casa em fevereiro de 1666 com D. Maria Francisca Isabel de Saboia que em novembro do mesmo ano se recolhe no Convento da Esperança alegando profunda incompatibilidade com o marido.

Desde o recolhimento da rainha, a destituição do rei é reclamada por vários elementos da aristocracia o que vem a culminar com a atribuição da regência ao príncipe D. Pedro, irmão mais novo do rei, em novembro de 1667 e, em fevereiro de 1668, é assinada a paz com Espanha.

Em março de 1668, o casamento de D. Afonso é anulado, casando-se D. Pedro com a sua cunhada, D. Maria Francisca Isabel. Nessa circunstância, importava que o rei fosse retirado da corte. A 17 de junho de 1669 chegou a Angra uma armada composta por três fragatas e uma caravela com o rei a bordo.



D. Pedro II, por Henrique Ferreira (1718).

# Exílio de D. Afonso VI na Fortaleza de São João Baptista

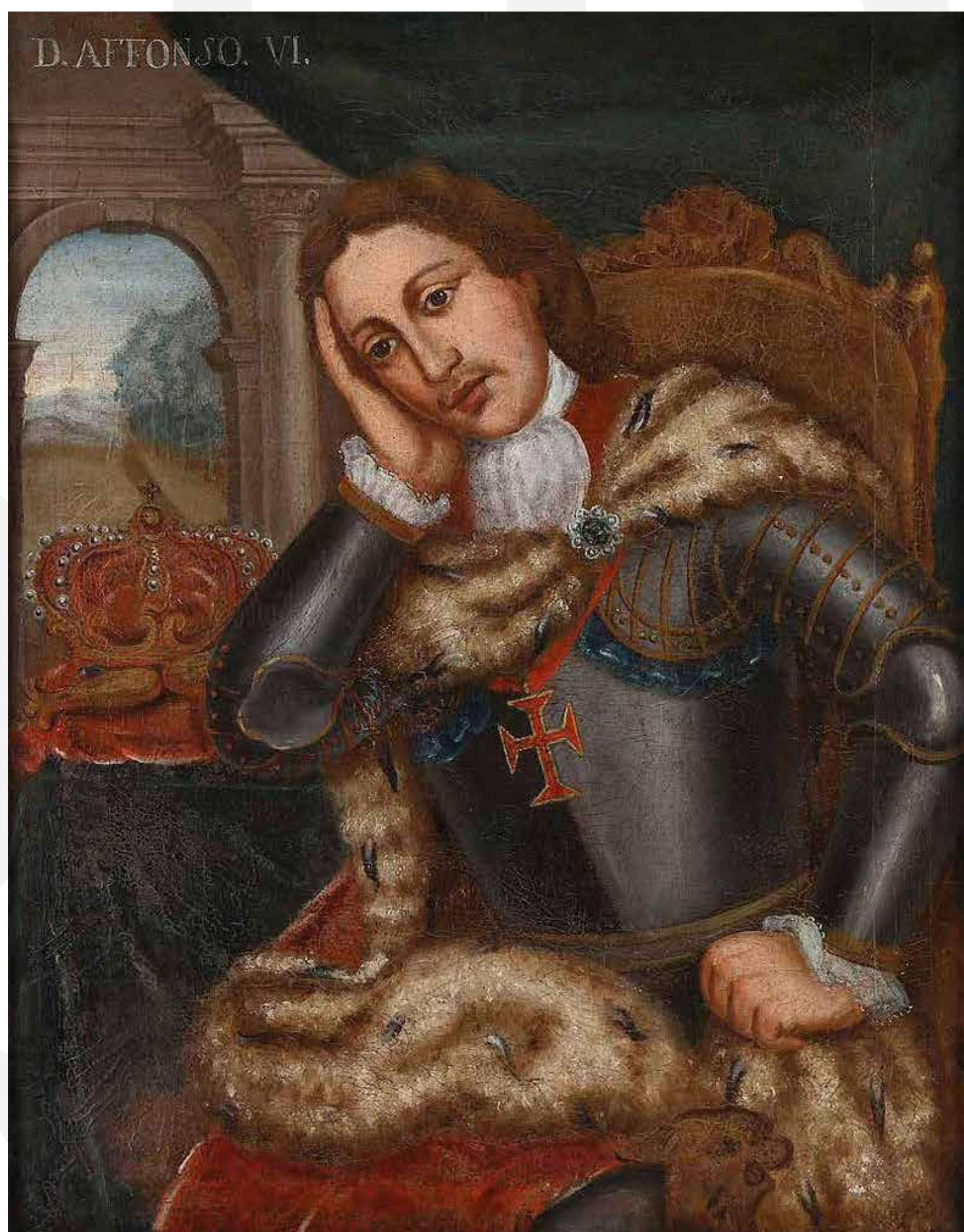
2



Fortaleza de São João Baptista, Monte Brasil.

O marquês de Minas, à responsabilidade de quem o rei viajava, divulgou as ordens do príncipe regente que “ordenava que estivesse retirado no Castelo de S. João Baptista, por assim convir à quietação do reino; e por ser vontade do mesmo rei”.

A 21 de junho saíram os batéis do porto da cidade e trouxeram o rei acompanhado pelo marquês. Começou uma descarga de artilharia em todas as plataformas e baluartes do castelo, e quando o bergantim aportou no Porto Novo o rei desembarcou encostado aos braços do marquês devido às enfermidades que lhe tolhiam os membros inferiores desde muito jovem. Assim que chegaram a terra foram encaminhado em liteiras para o castelo. À salva de 21 tiros do castelo correspondeu a cidade com festas e repiques de sinos de todas as igrejas. O marquês entregou ao governador do castelo uma carta do príncipe regente dizendo que para “quietação do reino, por seus vassallos mal sofrerem a condição feroz de el-rei meu irmão, importava que ele estivesse retirado naquela praça”.



D. Afonso VI.

# Exílio de D. Afonso VI na Fortaleza de São João Baptista

3



Palácio do Governador, Fortaleza de São João Baptista.  
A azul estão assinalados os aposentos de D. Afonso VI.

O rei alojou-se nas casas e galeria do governador, e nos quartéis inferiores alojaram-se os capitães da guarda e alguns criados: 1 provedor e superintendente da casa do rei, 5 assistentes da guarda de el-rei, 5 guarda-roupas, 5 moços da câmara, 1 escrivão da cozinha e tesoureiro, 1 médico, 1 cirurgião, 2 capelães, 2 moços da capela, 1 manteiro, 1 comprador, 1 mestre da cozinha, 6 reposteiros, 4 oficiais da cozinha, 4 moços da cozinha, 2 moços da prata e 1 varredor. Mais tarde, a 3 de outubro, chegou a Angra mais uma embarcação com um coche forrado de damasco vermelho, uma liteira também de damasco, e outra de menor valor; os seis cavalos do rei, além das pessoas que os haviam de tratar.



Brasão de D. Afonso VI no quarto onde esteve alojado no Palácio do Governador.

# Exílio de D. Afonso VI na Fortaleza de São João Baptista

4

Abriram-se e aplanaram-se caminhos no Monte Brasil para dar algum divertimento ao rei, principalmente os que comunicavam com a ponta de Santo António, picos Zimbreiro, das Cruzes e do Facho, mas depressa o rei se aborreceu desses passeios mostrando uma grande variação de humor e indiferença pelas horas do dia e da noite.



Monte Brasil.

De verão ou de inverno levantava-se sempre entre as 11h e as 12h e jantava entre as 15h e as 16h. Comia apenas uma vez por dia, mas com muita avidez. O rei era muito inquieto, mas também muito crédulo de tudo o que lhe diziam e incapaz de guardar segredos. Era dotado de uma excelente memória, e compadecia-se com a miséria e a pobreza. Vestia sempre o mesmo, de verão ou de inverno, e sobre a camisa ligava-se com toalhas seguras com alinhavos, e era desta forma que também dormia.



Estátua D. Afonso Vi, da autoria de Rui Goular, colocada no Pico das Cruzes.

# Exílio de D. Afonso VI na Fortaleza de São João Baptista

5

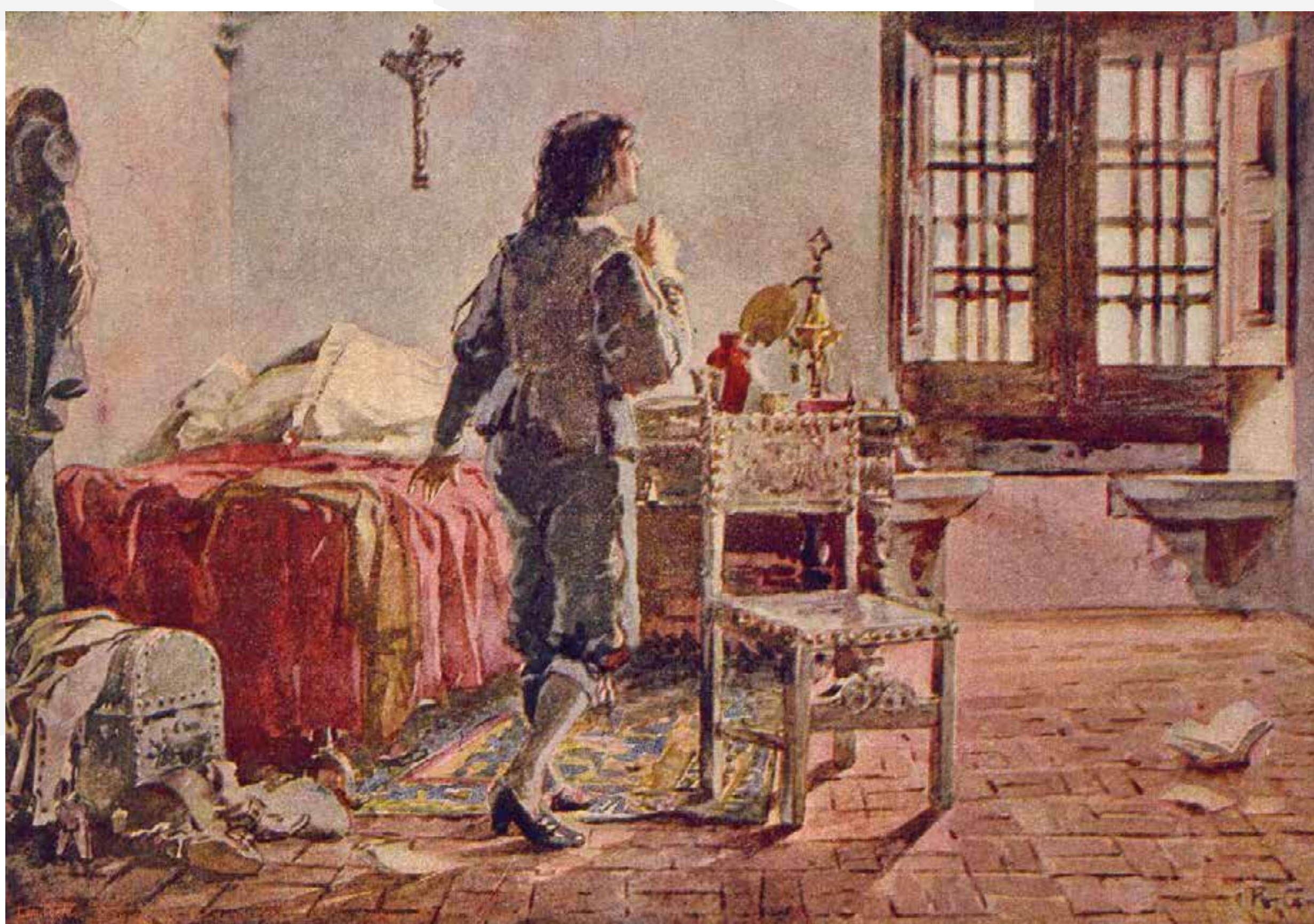


Não faltava quem pretendesse restituir o governo a D. Afonso VI, e a falta de barcos regulares vindos de Lisboa aumentava o clima de desconfiança e a circulação de boatos: entre os quais, de que o príncipe regente estava em risco de vida ou que o rei seria enviado para fora da ilha para o que se preparava uma armada. Todas estas notícias eram, também, difundidas e ampliadas pelos assistentes do rei entre os quais havia rixas e brigas pela obtenção de privilégios.

Em 1671, uma nova trama fez crer em Lisboa que na Terceira se havia posto em liberdade o rei restituindo-lhe o poder. Este boato provocou um grande desassossego na capital.

Aprontou-se uma armada para ir à Terceira, que chegou a 10 de agosto a Angra. 14 dias depois, no dia 24 de agosto de 1674, embarcou o rei pelo Porto Novo transportado numa cadeira rasa na qual pegavam 4 cavalheiros e levando-o suspenso nos braços o meterem no bergantim.

O rei foi instalado em Sintra com todos os assistentes que o acompanharam deste a Terceira, e aí veio a morrer em setembro de 1683.



D. Afonso VI preso em Sintra, por Alfredo Roque Gameiro, 1917.